

Políticas da percepção: diálogos com o Terreiro Matamba Tombenci Neto - Ilhéus/BA

Cynthia de Cássia Santos Barra & Guilherme Fóscolo de Moura Gomes⁶⁸

Resumo: Desde novembro de 2014, momento inaugural desta instituição, tem tido lugar na Universidade Federal do Sul da Bahia/UFSBb uma série de atividades (aulas, conferências, visitas de campo, ateliês artísticos, pesquisas, militância político-cultural etc.) que contam com a participação de mestres/mestras de tradições, artes e ofícios. Esta comunicação pretende discutir tais (des)encontros de saberes a partir de nossa experiência com a comunidade do terreiro Matamba Tombenci Neto (Ilhéus/BA). Partindo do horizonte teórico proposto por Rancière, isto é, do entendimento de que toda estética é também uma política, pretendemos pensar a imagem técnica para além de sua suposta neutralidade – e, portanto, como imagem política. A ambição aí é dupla: por um lado, colocar em evidência um dos grandes projetos (derivado, é claro, do modo de produção de mercadorias capitalista) da indústria ao longo dos séculos XX e XXI, a *anaesthesia*; por outro, problematizar o papel que cumpre a universidade neste processo de anestesiamento – via pacificação e apropriação dos saberes ditos populares. Pensar assim a *anaesthesia* nos conduz de volta à discussão da disputa política pela emancipação dos sentidos e seus correlatos. Ora, se estivermos corretos, a universidade afigura-se, então, não somente como espaço da disputa do saber/do conhecimento, mas também como espaço de disputa pelos dispositivos de construção e reprodução das imagens (técnico-políticas). Por fim, gostaríamos de pensar a universidade como um dos espaços possíveis para ampliar a disputa (no caso das comunidades tradicionais, de guerrilha) por tais dispositivos estético-políticos.

Palavras-chave: encontro de saberes; políticas da percepção; *anaesthesia*

1. Qual nosso lugar de fala e de pensamento?

Este trabalho se constrói em torno de uma tentativa de descrição, de registro e de reflexão, a partir dos caminhos tomados durante a trajetória de um encontro com o terreiro Matamba

68 Docentes da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, campus Jorge Amado, Itabuna/BA.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Tombenci Neto (Ilhéus-BA). Essa trajetória tem sido realizada, no contexto das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, desde setembro de 2014, na Universidade Federal do Sul da Bahia. Em agosto de 2015, institucionalizamos o Projeto de Pesquisa “Livro das Comunidades: o saber dos povos de tradição oral e a inclusão no ensino superior e na pesquisa” (FAPESB/UFSB), ainda em andamento. Em fevereiro de 2017, institucionalizamos o Grupo de Pesquisas Avançadas em Materialidades, Ambiências e Tecnologias (UFSB/CNPq).

O que se pretendemos nesta comunicação é, sobretudo, documentar e fazer falar/pensar, três passagens específicas relativas à presença do terreiro Matamba Tombenci Neto nos espaços acadêmicos da Universidade Federal do Sul da Bahia, na imbricação dos saberes tradicionais, das teorias estéticas contemporâneas e dos estudos pós-coloniais. Essas três passagens serão relatadas e, então, re-lidas, conjuntamente, tendo como linha de fuga um acontecimento registrado nas ruas de Ilhéus, durante o Carnaval Oficial de 2017.

Por essas vias, serão tecidos registros e reflexões pertinentes à questão das ações afirmativas para inclusão no ensino superior e na pesquisa e, paralelamente, tentamos compor e expor um pensamento redigido a quatro mãos relativo aos modos como gostaríamos de interrogar a universidade pública, especificamente aquela em que atuamos: a recém criada UFSB⁶⁹ estaria em condições de se constituir como um dos espaços (supostamente) viáveis para ampliar a disputa (no caso das comunidades tradicionais, de guerrilha) por dispositivos estético-políticos?

2. Impasses, paradoxos e marcas de irredutibilidade

A Universidade Federal do Sul da Bahia – criada pela Lei 12.818, de 5 de junho de 2013 – iniciou suas atividades letivas em setembro de 2014 prevendo, em seu planejamento para o

69 Se os documentos oficiais da UFSB apontam para um modelo de universidade popular, interdisciplinar e inclusiva (Plano Orientador, Carta de Fundação, vídeos institucionais); a experiência processual de implantação dessa universidade nos últimos três anos não conseguiu ainda afastar fantasmas que assombram, historicamente, o modelo “universidade nova” ao qual se vincula o projeto de criação da UFSB. Sobre o contexto de surgimento do projeto “Universidade Nova” no Brasil, conferir: LEHER, Roberto. Educação Superior Minimalista: a educação que convém ao capital no capitalismo dependente. In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE DIREITO, 2011, São Paulo. Cadernos de texto. São Paulo, 2011. pp. 3-13. Disponível em: <https://ened2011.files.wordpress.com/2011/07/cadernodetexto_ened20111.pdf>



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

componente curricular denominado “Educação Básica: Saberes e Práticas”, a inserção de mestres de tradições, artes e ofícios.

Para tentar conter alguns desvios e/ou atropelos inevitáveis na nossa fala, dada a característica multifacetada de nosso relato, destacamos, desde já, que a possibilidade de constituição de uma política acadêmica efetiva, institucional e interepistêmica na UFSB será um dos pontos de indagação privilegiados nesta comunicação. É certo que um dos pontos de debate com o qual nos defrontamos na UFSB neste momento de implantação diz respeito ao desejo e à necessidade de clareza acerca das noções de cultura, de interdisciplinariedade, de interculturalidade, de consenso e de dissenso políticos, que compõe nosso atual paradigma institucional.

Parece-nos já possível afirmar que um projeto como o Encontro de Saberes (INCTI/UnB) inscreveu-se como marco histórico e ponto de inflexão importante na promoção desse debate na UFSB, trazendo para perto de nós, para nosso cotidiano, experiências acadêmicas e parâmetros concretos para avaliarmos a complexidade existente nesta tarefa de re-fundar as universidades brasileiras numa perspectiva decolonialista; e, para tanto, necessariamente – irremediavelmente – pluriépistêmica; e estético-política?

No âmbito específico das regulamentações internas recém-criadas na também nova UFSB, vale destacar, desde já, a Resolução 17/2015, que regulamentou a concessão de graus universitários especiais: Mestres em Saberes e Práticas e Doutores em Artes, Saberes e Ofícios. Resolução que reconhece a existência e validade de diferentes paradigmas cognitivos e matrizes culturais, bem como a rica diversidade dos saberes humanos historicamente excluídos dos saberes universitários. O estabelecimento institucional de diálogo entre tais saberes como forma de sociabilidade, demonstra, novamente, o caminho trilhado pela UFSB e a relação estabelecida, as marcas deixadas, bem como os frutos aqui gerados pelo *Encontro de Saberes* ocorrido em 2014 na UFSB?

Para regular o ingresso de estudantes na UFSB, segue-se nesta Universidade a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012); contudo, para os Cursos nas sedes, optou-se pela reserva de 55% das vagas e não 50% como indicado na lei; para os Cursos nos Colégios Universitários (CUNI), a reserva de vagas é de 85%. Foram criadas cotas específicas para indígenas (auto-declarados), com variação por



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

cidade. O CUNI de Cabralia deverá ter reserva de vagas para indígenas em torno de 12%, por exemplo (conforme informações que nos foram dadas por Sandro Ferreira⁷⁰ – Prosis/UFSB).

Cabe assinalar aqui uma questão levantada por José Jorge de Carvalho e Juliana Flórez Flórez, no artigo “Encontro de Saberes: projeto para descolonizar o conhecimento universitário eurocêntrico”:

A luta (pelas cotas) foi ampliada por outras universidades públicas e privadas brasileiras e, depois de uma década de intensos debates públicos, mais de cem instituições adotaram as ações afirmativas para afros, indígenas e outros grupos excluídos. Contudo, no interior da própria iniciativa surgiu uma dúvida crucial: para que queremos universitários indígenas e afro educados sob esquemas brancos? A resposta indicou que não bastam as cotas. Para transformar de fato a desigualdade étnica e racial da população universitária, é imprescindível ampliar a diversidade de saberes que alimentam os programas curriculares universitários (CARVALHO; FLÓREZ, 2014, p. 136. – tradução nossa).

2.1 Mãe Ilza Mukalê⁷¹ e o Campo da Educação Saberes e Práticas⁷²

O projeto *Encontro de Saberes* (INCTI/UNB) foi incorporado na UFSB em seus três campi: Itabuna (Campus Jorge Amado), Porto Seguro (Campus Sosígenes Costa) e Teixeira de

70 Docente que atuava à época junto a PROSIS – Pró-reitoria de Sustentabilidade e Integração Social, na UFSB.

71 Ilza Rodrigues Pereira dos Santos – Mãe Ilza Mukalê – Mameto do Terreiro Matamba Tombenci Neto, fundado em 1885, na cidade de Ilhéus, matriz do Candomblé Angola; é também liderança da comunidade negra do bairro da Conquista, com uma obra sociocultural expressiva e reconhecida, foi a segunda personalidade a receber a honraria do título de Doutora Honoris Causa, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em 28 de novembro de 2016. Antes de Mãe Ilza Mukalê, em setembro de 2016, apenas o poeta itabunense Cyro de Mattos havia recebido igual titulação.

72 Trechos de parte do texto que compõem esta seção e a próxima foram extraídos de SILVA, Francismary; BARRA, Cynthia. Notas sobre o Encontro de Saberes na Universidade Federal do Sul da Bahia (2015); comunicação oral apresentada durante o Seminário Encontro de Saberes nas Universidades: bases para um diálogo interepistêmico, dias 16 e 17 de junho de 2015, realizado no Auditório da Reitoria da Universidade de Brasília –Brasília – DF.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Freitas (Campus Paulo Freire), no componente vocacional que trata do tema da Educação Básica no Brasil, denominado Campo da Educação: Saberes e Práticas. A equipe envolvida diretamente nessa empreitada foi composta por 19 docentes, inúmeros estudantes (integrantes de 14 turmas distintas dos 3 campi e de seus respectivos Colégios Universitários), e, ao todo, 14 mestres e 9 aprendizes tradicionais.

Os trabalhos se iniciaram com visitas técnicas, trocas de experiências com parceiros e instituições locais (vale destacar que parte significativa de professores recém chegados à UFSB migraram das mais diversas regiões do país e não possuíam, à época, enraizamentos na região). Enfim, foram necessárias uma série de pesquisas e rastreamentos, num curto prazo de tempo, em busca de povos e comunidades tradicionais na região Sul da Bahia. A equipe decidiu realizar as atividades com a seguinte formatação: dois encontros (rodas-de-conversa-pensamento-arte) dentro das instalações da universidade; uma visita ao local tradicional de produção e transmissão de conhecimento-saberes-fazer dos mestres.

Durante os encontros de prospecção, vale destacar que três dos seis mestres com os quais tivemos contato direto, todos eles pertencentes a tradições orais (povos de terrereiro, indígenas, quilombolas e mateiros/as) apresentaram as equipes docentes da UFSB com livros de sua autoria. Esse gesto seria indício para se ler aí uma insurgência ou instabilidade necessária às nossas (pacificadas) políticas de percepção? Seria possível ler na entrega de livros indícios de emancipação histórica; de empenho e esforço de diálogo entre mundos, no rastro de imagens re-fundantes, em torno de trocas simétricas? Seria esse um indício da presença/ausência de uma dada guerrilha por modos e protocolos técnicos de enunciação/legitimação de saberes?

Mas, para alguém ou além da escrita e da autoria, da vivência desse ritual de reconhecimento mútuo, tão comum entre pesquisadores acadêmicos (a troca de livros), sabíamos já, desde ali, nos primeiros contatos da equipe com os mestres, que deveríamos ainda atravessar outro campo – mais vasto e desconhecido: o que queriam de nós-mestres universitários esses mestres de oralidade plena⁷³? –, algo que pudesse ser tecido com as forças do incomensurável e do irredutível?

73 Conferir CARVALHO, José Jorge de. Sobre o Notório Saber dos Mestres Tradicionais nas Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa. Cadernos de Inclusão. Número 8. Brasília, INCTI/UNB, 2016.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

No *campus* Jorge Amado, mais especificamente no Colégio Universitário de Itabuna, recebemos a presença de Mãe Ilza – Mameto Mukalê, da Makota Gal, além da Kota Dete. A contribuição apresentada pela visita de Mãe Ilza, à época com 80 anos, pareceu produzir efeitos impactante nos estudantes, ainda mais que alguns apresentaram receios e temores diante da proposta de presença de uma mãe de santo em sala de aula. Os costumes do candomblé angola e a história do Terreiro Matamba Tombenci Neto, história que muitas vezes se confunde com a história de vida de Dona Roxa e da própria Mãe Ilza, geraram uma relação de grande afeto nos estudantes, perceberam o desconhecimento e a construção de preconceitos diante de uma tradição, ao mesmo tempo, tão próxima e tão distante de nós. É possível relatar uma dada desconstrução pedagógica e a persistência dos impasses desse estigma sofrido pelas religiões de matrizes afro-descendentes pela fala/indagação de um estudante, em sala, após as visitas de Mãe Ilza e após a visita dos estudantes ao Terreiro centenário Matamba Tombenci Neto em Ilhéus. Transcrita, tal indagação: “agora que tive esse contato, que conheci Mãe Ilza e que estive em um terreiro de candomblé, agora que sei que não se trata de uma religião ou de costumes demoníacos, obscuros, que propagam o mal, como farei para explicar tudo isso que aprendi para meus parentes e amigos que possuem a mesma visão equivocada que há poucos dias eu mesmo possuía? ”

2.2 Tata Kambondo Marinho Rodrigues, Makota Neide Rodrigues e o Campo das Artes: saberes e práticas

Entre janeiro e fevereiro de 2015, circulou na instituição uma recomendação acadêmico-administrativa da Pró-reitoria de Gestão Acadêmica (PROGEAC) sugerindo a inclusão dos mestres de tradições, artes e ofícios em cada um dos componentes denominado “Campo: saberes e práticas”, de cada uma das áreas estruturantes dos Bacharelados Interdisciplinares da UFSB: Saúde; Humanidades; Ciências e Artes. A partir dessa orientação, e de algum modo à semelhança do que havia sido realizado no componente Campo da Educação: saberes e práticas, com apoio teórico-metodológico e suporte financeiro do INCTI/UNB, a UFSB, a partir de então, passaria a adotar em seu currículo de formação geral, e com recursos próprios, uma ação regular de promoção da inserção dos mestres no ensino superior e na pesquisa. Contudo, passados quase três anos, essa orientação ainda não está formalmente regulamentada.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Com a ausência de um Programa, formalmente institucionalizado, com resoluções e editais específicos que contemplem as necessidades/especificidades de recursos humanos e financeiros que essa política afirmativa requer, a presença regular de mestres/mestras de saberes nos componentes curriculares "Campo: saberes e práticas" tornou-se flutuante e com características notadamente diversas. Por exemplo, com o apoio do INCTI/UNB, em 2014, todos os/as mestres/mestras receberam bolsas com valores equivalentes às recebidas por professores visitantes, tabela CAPES e/ou CNPq. Atualmente, a recomendação geral da Pró-reitoria de Planejamento (PROPA/UFSB) é que seja assinado pelos Mestres e pelas Mestras de Saberes um formulário de prestação de serviço no valor máximo de R\$ 500,00, por intervenção, independente da duração das atividades previstas pelo projeto ao qual se vinculam os Mestres ou Mestras convidados.

Esporadicamente, a partir de demandas específicas (de docentes ou de Cursos), a PROPA têm negociado valores que tendem a chegar perto da proposta de equiparação do pagamento aos Mestras/Mestras com os valores nacionalmente pagos à categoria "Professores Visitantes". Mas, o fluxo dos processos para cadastramento e pagamento aos Mestras/Mestras de Saberes é ainda algo excessivamente burocratizado, fragmentado e oneroso, considerando-se o tempo gasto com idas e vindas de documentos, com novas e inesperadas exigências a cada etapa, dúvidas legais e etc.

De todo modo, pudemos acompanhar a continuidade da presença de Mestres/Mestras de Saberes no quadrimestre letivo que se seguiu àquele que contou com a presença dos/das Mestres/Mestras no momento inaugural da história de criação da UFSB. Durante o mês de abril de 2015, montamos um projeto que previa a participação e presença do gestor cultural, percussionista, cantor e compositor Marinho Rodrigues, Tata Kambondo do Terreiro Matamba Tombenci Neto, e da dançarina, coreógrafa e professora de dança Neide Rodrigues, Makota do Matamba Tombenci Neto, durante 16h/a, ao longo do curso Campo das Artes: saberes e práticas.

No primeiro encontro, o Tata Kambondo Marinho Rodrigues iniciou sua fala com um agradecimento pelo convite, que para ele representava um reconhecimento, uma valorização de seus saberes tradicionais. Saberes que, muitas vezes, ele explica, a universidade desconhece. Marinho, que se considera um aprendiz em contato com mestres, falou do tempo de seu aprendizado com seus mestres, aprendizado que depende de um tempo. Não o tempo Newton-cartesiano, mas o tempo do respeito, da dedicação, da paciência, da vivência, do dia-a-dia. Na sequência de seu



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

agradecimento que também explica sua própria relação com o tempo, Marinho Rodrigues canta uma “zuela” para pedir licença, para falar no tempo e no espaço acadêmico da UFSB. Somente depois do canto, do ritual, Marinho explica que “quebrará protocolos”, que fará uma fala da forma como sabe, como aprendeu em sua nação angola-congo, com seus tambores sagrados.

Na sequência, Marinho apresenta seu relato de convivência com o professor Márcio Goldman da UFRJ. Sabemos que o longo contato que o pesquisador Márcio Goldman teve e mantém ainda com a comunidade deste terreiro produziu impactos significativos para a vida (intercultural e política) do Terreiro Matamba Tombeci. Márcio Goldman, nos diz Marinho, foi um mestre e parceiro em sua própria formação de entre mundos – o do terreiro e o da universidade.

O trecho da fala de Marinho a que fazemos referência aqui se encerrou com um destaque: o convite por ele recebido da UFSB, em contraste com o convite acadêmico anteriormente recebido, no contexto da UFRJ, se dá em outros termos, num outro tempo histórico-político talvez? Do tempo da “bolsa não-oficial”, sem “reconhecimento institucional”, fruto do esforço e da ética de um professor-pesquisador específico, Marinho e nós passamos – estamos a passar – a um tempo outro – decolonialista e pluriepistêmico – nas universidades brasileiras?

Importante voltar a destacar que o contexto que permitiu receber o Mestre Tata Kambondo Marinho, como mestre de tradições, como pesquisador e consultor, na casa da UFSB, foi um momento posterior ao Encontro de Saberes (INCTI/UNB), na UFSB, momento em que nossa Universidade tenta encontrar seus meios administrativos, acadêmicos e legais para o pleno reconhecimento dos mestres.

Certamente, estamos diante de avanços, mas também de desafios e impasses. Nada disso está de fato garantido ainda para nós. Vamos avançando passo a passo; pouco a pouco.

A fala inicial do Tata Kambondo re-construída aqui, leva-nos a refletir sobre os lugares, territórios, espaços de poder, de política e de inclusão de um saber não acadêmico na própria Academia.

Conforme pontuamos anteriormente, nosso contexto de Leis, Decretos e Políticas Públicas de inclusão e renovação, tanto dos sistemas educacionais quanto do estatuto epistemológico ocupado por saberes não ocidentais, têm caminhado no sentido de uma inclusão que não se dê pela



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

simples assimilação, que não se dê pela equivalência, pelo enquadramento Newton-cartesiano, pela fragmentação, pela superespecialização científica, e pela globalização e homogeneização neoliberal.

A música na religião de matriz africana, explica Marinho, é vida, é natureza, fala das matas, das águas, da terra, da lua, da chuva, do sol. É aprendido, é muito mais do que simplesmente “música”. Como ler essa fala? Aliás, temos escrita, leitura não-enquadrante, não-ocidentalizante para essa fala? Como entender a multifacetada noção de música na tradição descrita por Marinho?

Para encerrar esta seção de nosso relato, valemo-nos, ainda, de dois conceitos caros à tradição filosófica ocidental presentes no horizonte que tem sido o nosso: a incomensurabilidade e a irredutibilidade.

No campo específico da Filosofia da Ciência, a noção de incomensurabilidade foi, de longe, a noção mais problemática do célebre e emblemático livro de Thomas Kuhn, “A Estrutura das Revoluções Científicas” de 1962. Problemática porque tanto historiadores quanto filósofos, sociólogos e cientistas de diversas áreas, em debates que se seguiram nas décadas de 1970 e 1980, consideraram impossível tratar de Ciência, Lógica, Razão, Conhecimento pelo viés de algo não conhecido, não dominado, não testado, não transformado: o outro, o irredutivelmente outro.

A incomensurabilidade, que também aparecia concomitantemente nos escritos de Paul Feyerabend, talvez por isso (des)considerado como um anarquista epistemológico, parece indigesta para a Filosofia da Ciência, que prima pelo conhecimento racional, lógico do mundo, do todo (notem, por exemplo, a tautologia tácita do termo “Filosofia da Ciência”, ou Filosofia da Filosofia, ou Ciência da Ciência, ou Conhecimento do Conhecimento). A incomensurabilidade é uma impossibilidade para a ciência ocidental, para nossa forma de conhecimento. Apesar dos novos avanços, das novas leituras culturais e interculturais das décadas finais do século XX e dos anos iniciais da “sociedade do conhecimento” do século XXI, nossa história, a história Ocidental, ainda tem sido um esforço de Sísifo, de silenciamento daquilo que não podemos conhecer.

Se ainda não temos estratégias, epistemologias para aceitarmos o irredutivelmente incomensurável, por que não começar pelo desafio posto pelo Tata Kambondo: ações institucionais de diálogo, ou Encontro de Saberes que possibilitem e potencializem, de fato, o reconhecimento, reconhecimentos interesistêmicos?

2.3 Democracia, Tambores e Movimento Negro

Em 30 de setembro de 2016, aconteceu uma roda de conversa, aula pública, no auditório da reitoria da UFSB, *campus* Jorge Amado, evento promovido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros/NEAB/UFSB. O evento era parte do Seminário Estéticas Negras e Ameríndias, previsto no currículo dos Cursos de Bacharelado e de Licenciatura Interdisciplinares em Artes da UFSB; e simultaneamente funcionava também como evento preparatório para o VI Congresso Baiano de Pesquisadores Negros. Foram convidados Marcio Goldman, antropólogo e professor do Museu Nacional, e Marinho Rodrigues, Tata Kambondo do Terreiro Matamba Tombenci Neto e gestor cultural pertencente ao Movimento Negro de Ilhéus.

Como se dá um bom encontro⁷⁴? A objetividade árdua desta pergunta foi dirigida às experiências que perfizeram o encontro entre Marcio Goldman, professor/pesquisador universitário, e o Tata Kambondo Marinho, que atuou durante 15 anos como auxiliar de pesquisa de Goldman. Dessa questão, desdobraram-se uma série de outras: quais laços e impasses perduram entre a Universidade brasileira e os povos de tradições de matriz africana?

A Lei de Cotas, os recentes Projetos e Ações de reconhecimento de Mestres de Tradição, o Racismo Institucional, os Projetos de Cursos de Graduação articulados às Leis 10.639/03 e 11.645/08, o Sistema Nacional de Cultura em articulação com o Plano de Educação, toda uma discussão vastíssima e urgente que interessa, de dentro, à Universidade brasileira compôs o campo de pensamentos e ações da referida aula pública.

Macro e micropolíticas, processos de subjetivação e produção de conhecimento. A aula pública durou 2h e 30 minutos, às falas de Marcio Goldman e Marinho Rodrigues, seguiu-se intenso debate. Gostaríamos de ressaltar aqui duas passagens, imersas nessa conversa:

“a antropologia – os antropólogos, as antropólogas – estão sempre dilacerados entre duas coisas, uma certa pretensão, uma certa arrogância de explicar o que as outras pessoas realmente estão fazendo, e tem gente até que tenta explicar o que elas próprias estão fazendo, o que elas estão fazendo não é bem o que elas

74 “O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (SPINOZA, *Ética III*, post.1).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

estão fazendo, então você explica para elas o que elas estão fazendo (...) mas, o outro lado é que a experiência antropológica põe você em contato com pessoas (...) e se você deixar que essas experiências lhe transformem também, é nesse processo, que é antes da escrita, que está paralelo à pesquisa, imanente à pesquisa, que você será talvez capaz de escrever uma coisa que se costuma dizer nova... no meu caso, eu dei sorte, pois encontrei um lugar em que isso funcionou muito bem (...) e, na verdade, a relação do Marinho comigo foi fundamental para isso (...) após vinte anos, como é que eu leio o que aconteceu em nossa relação? (...) a coisa mais importante, a mais interessante, é que essa relação que se estabeleceu (...) ela não se estabeleceu passando por cima de nossas diferenças... essa diferença, ou seja, o fato de eu ser acadêmico, antropólogo, e Marinho não ser, essa diferença não precisou ser anulada, ela estava o tempo todo dada ali (...) e são essas diferenças que criam coisas, que criam (...)” (GOLDMAN, transcrição adaptada do áudio da aula pública).

“essas relações, esses convívios, essa visão ampliada de mundo, ela transforma as pessoas e comigo isso não foi diferente, essa minha aproximação com esses amigos, com essas pessoas, ajudou a ter uma visão de mundo mais crítica, diferente do que eu era antes, e essa visão crítica (...) eu sempre costumo dizer, eu já tinha, mas precisava de algo para despertá-la, então quando eu começo a conviver com esse mundo acadêmico, com antropólogos, historiadores, enfim, eu começo a perceber coisas (...) que eu sentia a necessidade desses contatos para eu ampliar visões de mundo (...) às vezes, eu ouço vários, várias pessoas de várias comunidades que são pesquisados, que são estudados por antropólogos, enfim (...) essas pessoas são influenciadas, se deixam ser influenciadas, mas elas não tem uma visão crítica do que está sendo feito (...), e essa minha aproximação com esses amigos, com essas pessoas, me ajudou a ter uma visão de mundo mais crítica... eles me

ajudavam a ter uma visão mais crítica dessa relação de pesquisador-pesquisado, do certo, do errado, isso fez com que eu pudesse criar ideias e caminhos de forma que eu pudesse contribuir também com essa forma mais ampliada no sentido de fazer uma ponte entre as comunidades de terreiro e o campo acadêmico (...) isso até hoje me inquieta, quando vejo comunidades sendo pesquisadas, eu penso: pra que isso? o que vocês vão fazer com isso? (...) eu acredito que nossos saberes, que nosso jeito de fazer, muitas vezes é diferente do jeito da academia de fazer, mas tem a mesma importância, tem o mesmo poder de transformar as pessoas (...) eu estou no momento de construção, de fazer de nosso jeito (...) do jeito de fazer do jeito que sempre fizemos, por isso que ainda estamos aqui, depois de tanto tempo” (RODRIGUES, transcrição adaptada do áudio da aula pública).

3. Dentro e fora do compasso, política e estética: “os problemas de sempre”

Pensem as cotas étnico-raciais na graduação e nas pós-graduações; consideremos os programas chamados Encontros de Saberes e os de Formação Transversal: a relação entre diferentes/entre diferenças é (parece ser) uma relação possível, mas que precisa ser construída, nos lembra Goldman; desde que possamos fazer isso de nosso (próprio) jeito, interpela-nos a fala de Marinho Rodrigues. Nos espaços ampliados por ações afirmativas, as universidades brasileiras parecem avançar passo a passo, impasse a impasse, num ritmo ainda hesitante.

Fora da academia, reencontramo-nos com a fala/pensamento de Marinho Rodrigues: “O que aconteceu com o Dilazenze no carnaval do ano passado e nesse carnaval não pode se repetir. Tem que ter respeito pela cultura de nossa cidade. Mais responsabilidade na hora de montar a programação dos trios elétricos, que não podem estar no mesmo horário dos blocos afro. É tão simples”.

O texto de protesto foi postado na rede social, um dia após o desfile do bloco afro Dilazenze, um dos braços do movimento afro-cultural gerido pelo Terreiro Matamba Tombeci Neto,



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

ter sido quase literalmente atropelado pelo trio elétrico da Banda Guig Guetto e pela multidão que acompanhava o trio. Como esse acontecimento permite-nos continuar a pensar os nossos modos de encontro, dentro e fora dos espaços universitários, sem que diferenças sejam anuladas? Pensemos políticas da percepção.

Era dia 19 de fevereiro. A programação oficial do Folia Ilhéus 2017, previa desfiles de uma série de blocos afro e afoxés na Avenida Soares Lopes, à tarde e no princípio da noite. Naquele dia, o primeiro a desfilarem foi o afoxé Filhos de Ogum, seguido pelo bloco Yorubá, pelos cortejos do Rastafary, do Lion Dhudê e do Zumbiáxé. Chegando à avenida por volta das 20h, o bloco Afro Dilazenze encerraria os desfiles do dia. O Balé Afro Dilazenze performava na cena cultural de Ilhéus o tema carnavalesco “Origens do samba no litoral sul da Bahia”, com coreografia do Balé Dilazenze. Além da comissão de frente, alas de baianas e de crianças, foliões com camisetas do bloco e simpatizantes, éramos puxados pela Banda de percussão Dilazenze e pela voz de Mestre Ney, em carro de som. O bloco afro Dilazenze deveria completar o percurso destinado ao desfile com uma apresentação diante da Comissão de Avaliação do Folia Ilhéus 2017, alojada em camarote armado ao lado da Igreja Matriz de São Sebastião.

Mas, algo que “é tão simples” simplesmente não aconteceu ali. Aconteceu que o trio elétrico da Banda Guig Gutto, comandado pelo vocalista Falcão vinha no encalço do bloco Dilazenze desde o começo da Avenida Soares Lopes e, nas imediações da curva que disporia lado a lado o bloco e o trio elétrico, separados apenas pela faixa que delimitava as duas pistas da avenida, repetiu-se um confronto já costumeiro nos carnavais da Bahia: “Peraê, peraê, peraê, peraê, peraê! Colé, meu irmão? Segura essa aí”.

(fragmento de uma música de GERÔNIMO transcrita na íntegra por RODRIGUES nas redes sociais⁷⁵).

75 Transcrição da letra da música Eu sou Negão (Gerônimo): Imenoami, imenoami / Imenoami, imenoami / Orei ma, orei ma / Ê ikei, ikei / Muita onda / Ê ikei, ikei / É macuxi, muita onda / E aí chegaram os negros / Com toda a sua beleza / Com toda a sua cultura / Com toda a sua tradição / Com toda sua religião / E tentada, motivada / A ser mutilada / Pelos heróis anônimos da história / Estamos aqui e eles sobreviveram / E no bum bum bum bum bum bum / bum bum bum bum bum bum / No seu tambor / O seu negão vai tocando assim / Pega a rua Chile / Desce a ladeira / Tá na praça Castro Alves / Ou praça da Sé / Fazendo seu deboche / Transando o corpo / Fazendo o seu fricote / E o negão assume o microfone / E na beirada da multidão em cima do caminhão ele fala / “- Alô rapaziada do bloco / Esse é o nosso bloco afro / Vamos curtir agora / O nosso som / A nossa levada / Que é a nossa cultura / E segura comigo!” / Eu sou negão /



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

À semelhança da letra da música de Gerônimo, transcrita por Marinho, na sequência das postagens de protesto feitas nas redes sociais, o encontro-confronto-dueto que se seguiu entre o vocalista Falcão e o Mestre Ney, ambos acompanhados por gestos, gritos de ordem e movimentos dos corpos dos foliões que seguiam, misturadamente, o bloco afro e o trio elétrico, dá a ver uma dura incompatibilidade de modos de existência: “E o cara do trio lá de cima olha:

“-Legal massa!

Pessoal do bloco afro é uma beleza estar aqui com vocês,

Vamos levar o som”

E o negão lá de baixo falando.

“-Qual é, meu irmão?

É nenhuma, rapaz!

Aqui é boca de zero nove! E é o suingue da gente!

Vá, pegue seu caminhão e siga seu caminho,

Que a gente vai seguindo o nosso, meu irmão!” (fragmento de uma música de GERÔNIMO transcrita na íntegra por RODRIGUES sociais).

A conversa que se seguiu entre o vocalista Falcão e o Mestre Ney ressoou na avenida Soares Lopes. A potência técnica do som do trio elétrico continuava a levar os foliões a avançarem para dentro das fronteiras espaciais do bloco. Corpos e mais corpos seguiam desfazendo a composição das alas: o som do trio sobrepondo-se ao som da banda de percussão, fiscais da

Eu sou negão / Meu coração é a liberdade / É a liberdade / Eu sou negão / Eu sou negão / Meu coração é a liberdade / É a liberdade / Sou do Curuzu, Ilê / Sou do Curuzu, Ilê / Igualdade na cor, essa é a minha verdade / Igualdade na cor, essa é a nossa verdade / Eu sou negão / Eu sou negão / Meu coração é a liberdade / É a liberdade / Eu sou negão / Eu sou negão / Meu coração é a liberdade / É a liberdade / E de repente, aparece ao longe / Um carro todo iluminado, é um trio elétrico! / “-Que é isso, meu irmão? Venha devagar! / Calma! Que é isso, meu rei? Peraê, peraê, peraê, peraê, peraê! / Colé, meu irmão? Segura essa aí”. / E o cara do trio lá de cima olha: / “-Legal massa! / Pessoal do bloco afro é uma beleza estar aqui com vocês, / Vamos levar o som” / E o negão lá de baixo falando. / “-Qual é, meu irmão? / É nenhuma, rapaz! / Aqui é boca de zero nove! E é o suingue da gente! / Vá, pegue seu caminhão e siga seu caminho, / Que a gente vai seguindo o nosso, meu irmão!” / E na levada! / Eu sou negão / Eu sou negão / Meu coração é a liberdade / É a liberdade. / Sou do Curuzu, Ilê / Sou do Curuzu, Ilê / Igualdade na cor, essa é a minha verdade / Igualdade na cor, essa é a nossa verdade / Eu sou negão / Eu sou negão / Imenoami, imenoami / Imenoami, imenoami / Orei ma, orei ma / Ê ikei, ikei / Muita onda / Ê ikei, ikei / É macuxi, muita onda / Imenoami / Arã, hey! Eu sou negão / Macuxi, muita onda



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

comissão oficial da organização do carnaval de Ilhéus e integrantes do bloco, aqueles responsáveis pela linha humana de demarcação de espaço de ocupação da avenida, gesticulavam nervosos tentando fazer parar o trio, porquanto o vocalista continuava a proferir, eletrizado, um discurso aparentemente inclusivo – (...) ah, trinta anos de bloco, puxa, que bacana, eu tenho 22 anos, imagina isso? (...) vem, cá, sobe aqui, vamos puxar uma música juntos? (...).

Mestre Ney subiu no trio elétrico chamado por Falcão; e isso fez parar (colocou temporariamente em suspensão) a confrontação de corpos na avenida Soares Lopes. Aos poucos, a multidão se retraía e um espaço aberto, mínimo, permitiu ao bloco Dilazenze fazer sua coreografia e seguir caminho, no trajeto demarcado pela organização do Folia Ilhéus 2017.

O que significa a expulsão do Dilazenze das ruas durante o carnaval em Ilhéus? O que significa que um carro de som e seus foliões não só demandem a retirada – mas de fato quase passem por cima – de um desfile tradicional de uma comunidade da região? *Nulla politica sine aethetica*: produzir uma resposta para esta pergunta demanda, em primeiro, o entendimento de que toda estética é também uma política. Pensar essa questão será doravante nosso jeito de criar caminhos e fazer avançar, teórica e metodologicamente, encontros de saberes na UFSB: compartilhar materialidades e tecnologias com comunidades de tradição oral e fazer avançar compreensões críticas desses processos e experimentações estético-políticas.

Nulla politica sine aethetica. O insight é de Rancière, para quem a estética trata-se de um “recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma da experiência”.⁷⁶ A política, assim, depende da estética, pois que se dá como *forma da experiência*. Essa tal *forma da experiência*, ao mesmo tempo, não só se abre como espaço PARA a disputa política, mas trata-se ela própria de espaço DE disputa política. Não é fortuito que Rancière faça recurso a Kant para definir a estética, ainda que alegoricamente, como “o sistema das formas a priori determinando o que se dá a sentir”.⁷⁷ E isso por dois motivos. O primeiro deles, como já se deve antecipar, é porque

76 RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed.34, 2005, p.16.

77 Idem, p.16.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

em Kant, de fato, a Estética Transcendental, a primeira parte da *Crítica da Razão Pura* e que cuida dos *modos de perceber* (de *sentir*) que regulam qualquer experiência possível, distingue entre a *matéria* e a *forma* da sensação. A *matéria* da sensação se distingue da *forma* em que a *forma* dá-se *a priori*, naquilo que Kant irá chamar de *intuições puras* – espaço e tempo – e que *condicionam* toda a experiência empírica. O mesmo se dá em relação à segunda parte, a Lógica Transcendental, e que trata das “regras do pensamento puro de um objeto”, isto é, novamente, da *forma* do conhecimento e que, na *analítica dos conceitos*, será traduzida pela tábua das categorias (de onde segue-se a lista de todos os conceitos *a priori* etc.).

Tem-se daí duas coisas: a primeira, é que Kant desloca o sujeito (“unidade de apercepção” e “unidade de consciência”) para o negativo, ou seja, o sujeito se põe como o pano de fundo para a “unidade sintética do diverso das intuições” (B135), e diz respeito, assim, somente à *forma* das representações. A tal unidade Kant dá o nome de “sujeito transcendental”:

Por este “eu”, ou “ele”, ou “aquilo” (a coisa) que pensa, nada mais se representa além de um sujeito transcendental dos pensamentos = X, que apenas se conhece pelos pensamentos, que são seus predicados e do qual não podemos ter, isoladamente, o menor conceito; movemo-nos aqui num círculo perpétuo, visto que sempre necessitamos, previamente, da representação do eu para formular sobre ele qualquer juízo; inconveniente que lhe é inseparável, pois que a consciência, em si mesma, não é tanto uma representação que distingue determinado objeto particular, mas uma forma de representação em geral, na medida em que deva chamar-se conhecimento, pois que só dela posso dizer que penso qualquer coisa por seu intermédio. (B404, A346)

“Mera consciência que acompanha os conceitos”, o sujeito kantiano é sempre idêntico a si mesmo e permanece intacto em qualquer contexto sociocultural, tecnológico etc. Consolida, por isso, o próprio projeto de *sujeito* que se constrói na modernidade. O segundo e, talvez, menos óbvio motivo, tem que ver com a *Crítica da Faculdade de Julgar*, uma vez que, em Kant, a *universalização do prazer* que caracteriza os objetos candidatos ao *belo* depende de um *modo específico de cognição* (o livre jogo das faculdades da imaginação e do entendimento). A beleza dá-



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

se assim como um *estado mental* – aquele característico da beleza. Justamente por que exige *universalidade e necessidade*, o *estado mental* característico da beleza não deve ser de natureza meramente *sensual*, ou seja, não deve *agradar no sentido particular*. O que significa dizer que a universalidade do gosto exigida pelo objeto candidato a belo se encontra no prazer formal provocado pelo objeto no mero ato de julgá-lo. O artista que tem gênio emerge daí como um *afinador de corpos* – pois que deve produzir uma obra que provoque no observador aquilo que Kant chama de *belo jogo das sensações*. O artista deve *afinar* o corpo do observador, de modo a provocar, através de sua obra, o estado mental próprio ao *ajuizamento do belo*: “a arte do *belo jogo das sensações* (que são geradas a partir do exterior), e que, no entanto, deve permitir uma comunicação universal, só pode se preocupar com a proporção dos diferentes graus de afinação [*Stimmung*] (tensão) do sentido ao qual a sensação pertence, isto é, com o seu *tom*”.⁷⁸

É claro que, em Kant, o horizonte histórico que possibilita a afirmação da dimensão material dos processos comunicacionais ainda se encontra fechado, de modo que Kant só pode falar de um *afinador de corpos* como artista de gênio. Aquilo que ele *afina*, os corpos, devem ser afinados em conformidade com uma *unidade de consciência/apercepção* moderna, sempre *idêntica a si mesma*, porque só assim condição de possibilidade da *universalidade e necessidade* que exige a *beleza* (que é, como já se disse, sempre *formal*). O *sujeito moderno*, porque sempre idêntico a si mesmo, não permite pensar na política que se oculta por detrás de toda estética. Ligar a estética à política possibilita uma leitura revolucionária da crítica do juízo: Kant anteciparia, guardadas as necessárias diferenças, a percepção de que nossos *corpos* podem ser programados pelos *media*. De fato, o horizonte que possibilita pensar os *media como instrumentos (autônomos) de programação* só vai se abrir no século seguinte. Nesse sentido, o depoimento de um Nietzsche – chama a atenção Friedrich Kittler – é revelador. Em 1882, de posse da máquina de escrever de Malling-Hansen, Nietzsche registra em carta datilografada que “nossas ferramentas de escrita também trabalham o

78 “Die Kunst des schönen Spiels der Empfindungen (die von außen erzeugt werden), und das sich gleichwohl doch muß allgemein mitteilen lassen, kann nicht anders, als die Proportion der verschiedenen Grade der Stimmung (Spannung) des Sinns, dem die Empfindung angehört, d.i. den Ton desselben, betreffen”. KANT, Immanuel. Kritik der Urteilskraft. In: WEISCHEDEL, Wilhelm (Hrsg.): Immanuel Kant, Werkausgabe, Band 10, Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1974 (Erstveröffentlichung 1790), “§51: Von der Einteilung der schönen Künste”.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

nosso pensamento”.⁷⁹ Para Kittler, Nietzsche é o primeiro filósofo-mecanizado, o primeiro a anunciar (denunciar?) a interferência das tecnologias no humano. Após sua experiência com a máquina, dirá Kittler, “Nietzsche [...] mudou de argumentos para aforismas, de pensamentos para trocadilhos, de retórica para o estilo de telegrama. Isso é precisamente o que se quer dizer pela sentença ‘nossas ferramentas de escrita também trabalham o nosso pensamento’”.⁸⁰ Em Nietzsche a presunção de inocência que se esconde por detrás de um sujeito moderno – como forma pura de representação – começa a ruir.

A máquina, como se sabe, é adquirida por Nietzsche em 1881.⁸¹ Em 1887 Nietzsche publica a *Genealogia da Moral*, e eleva a máquina de escrever (a de Malling Hansen) “ao status de uma filosofia”.⁸²

And this philosophy, instead of deriving the evolution of the human being from Hegel’s spirit (in between the lines of books) or Marx’s labor (in between the differential potential of muscular energy), began with an information machine. In the second essay of *On the Genealogy of Morals*, knowledge, speech, and virtuous action are no longer inborn attributes of Man. Like the animal that will soon go by a different name, Man derived from forgetfulness and random noise, the background of all media.⁸³

79 “Unser Schreibzeug arbeitet mit an unseren Gedanken”, como citado por Kittler em: KITTLER, Friedrich. *Grammophon, Film, Typewriter*. Trad. e introdução: Geoffrey Winthrop-Young e Michael Wutz. Stanford, California: Stanford University Press, 1999, p.200.

80 Idem, p.203.

81 Nietzsche planeja adquiri-la pelo menos desde 1879, na expectativa de contornar as dores nos olhos e o espectro da cegueira. Cf. KITTLER, Friedrich. *Grammophon, Film, Typewriter*. Trad. e introdução: Geoffrey Winthrop-Young e Michael Wutz. Stanford, California: Stanford University Press, 1999, p.201.

82 Idem, p.210.

83 Ibidem.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

O segundo ensaio da *Genealogia* dá testemunho de uma filosofia que pensa os homens como *máquinas em que se inscrevem memórias*. “Como fazer no bicho-homem uma memória”, pergunta Nietzsche. “Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação do esquecimento?”⁸⁴ De *agentes* à superfície programável (“humans [...] turn from the agency of writing to become an inscription surface”).⁸⁵ Nietzsche é o McLuhan do século XIX: é o primeiro a transformar em filosofia a percepção, extraída diretamente de sua experiência com um aparato tecnológico, de que escrever não se trata mais de uma *atividade do homem* que se expõe na *passividade do meio*. “Nossas ferramentas de escrita também trabalham o nosso pensamento” é a realização quase profética que ecoa, de forma extemporânea, nas primeiras palavras do prefácio de Friedrich Kittler para *Gramofone, Filme, Máquina de escrever*: “media determine our situation”.

Retomemos Rancière: “a política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo”.⁸⁶ A política, como *forma da experiência*, é inseparável de uma estética, e isso numa dupla acepção. Em primeiro, porque *políticas são as formas de perceber*. Em segundo, porque essas formas se inscrevem *como que por fora*. Elas são o resultado, precisamente, da dimensão material imanente aos processos comunicacionais – são, nesse sentido, técnico-políticas. O que equivale dizer: não há ato perceptivo que não seja também uma fabricação técnico-política. Tais *formas de perceber* conformam assim as regras do jogo *político*: *falsa política* é, comumente, o resultado que produzem. Antes de prosseguirmos, no entanto, faz-se importante uma breve nota. Enxergar tal movimento teórico como *estetização da política*, aquilo que, precisamente, Walter Benjamin irá denunciar em seu famoso ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, é precisamente perder o ponto da crítica. E isso porque a *estetização da política* nazi-

84 NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. GM II:3.

85 KITTLER, Friedrich. *Grammophon, Film, Typewriter*. Trad. e introdução: Geoffrey Winthrop-Young e Michael Wutz. Stanford, California: Stanford University Press, 1999, p.210.

86 RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed.34, 2005, p.17.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

fascista não é mais que um produto da *politização inerente à toda estética*, desde que entendamos por estética os aparatos tecnológicos que chamamos de *media* (e que, como bem nota Kittler, estão, nesse sentido, sempre além/aquém da *estética* – porque a antecipa e, até mesmo, constitui).⁸⁷ Aliás, é o que dá a entender o próprio Benjamin. Vejamos o que ele tem a dizer sobre a estética da guerra:

A crescente proletarização dos homens contemporâneos e a crescente massificação são dois lados do mesmo processo. O fascismo tenta organizar as massas proletárias recém-surgidas sem alterar as relações de produção e propriedade que tais massas tendem a abolir. Ele vê sua salvação no fato de permitir às massas a expressão de sua natureza, mas certamente não a dos seus direitos. Deve-se observar aqui, especialmente se pensarmos nas atualidades cinematográficas, cuja significação propagandística não pode ser superestimada, que a reprodução em massa corresponde de perto à reprodução das massas. Nos grandes desfiles, nos comícios gigantescos, nos espetáculos esportivos e guerreiros, todos captados pelos aparelhos de filmagem e gravação, a massa vê o seu próprio rosto. Esse processo, cujo alcance é inútil enfatizar, está estreitamente ligado ao desenvolvimento das técnicas de reprodução e registro. De modo geral, o aparelho apreende os movimentos de massas mais claramente que o olho humano. Multidões de milhares de pessoas podem ser captadas mais exatamente numa perspectiva a vôo de pássaro. E, ainda que essa perspectiva seja tão acessível ao olhar quanto à objetiva, a imagem que se oferece ao olhar não pode ser ampliada, como a que se oferece ao aparelho. Isso significa que os movimentos de massa e em primeira instância a guerra constituem uma forma do comportamento humano especialmente adaptada ao aparelho. As massas têm o direito de exigir a mudança das relações de propriedade; o fascismo permite que elas se expressem, conservando, ao mesmo tempo, essas relações. Ele desemboca, conseqüentemente, na estetização da vida política.

87 KITTLER, Friedrich. *Grammophon, Film, Typewriter*. Trad. e introdução: Geoffrey Winthrop-Young e Michael Wutz. Stanford, California: Stanford University Press, 1999, p.47.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A política se deixou impregnar, com d'Annunzio, pela decadência, com Marinetti, pelo futurismo, e com Hitler, pela tradição de Schwabing. Todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra.⁸⁸

A massa vê o seu próprio rosto, mas não pelo *olho humano*, e sim pelo *aparelho técnico*: “o aparelho apreende os movimentos de massas mais claramente que o olho humano”. Prossegue Benjamin: “isso significa que os movimentos de massa e em primeira instância a guerra constituem uma forma do comportamento humano especialmente adaptada ao aparelho”. Mas Benjamin, aparentemente, dá mais crédito a d'Annunzio, Marinetti e Hitler do que aos *próprios aparatos que ele mesmo identifica como capazes de adaptar formas de comportamento humano*. Benjamin falha em perceber que, embora a Segunda Guerra não seja inconcebível sem o *Futurismo*, ela é de fato inconcebível sem o rádio e sem a televisão (como já se apontou, uma figura radiofônica como a de Hitler é tão inseparável do *rádio* quanto uma figura telegênica como a de um Kennedy é inseparável da televisão etc.).⁸⁹ Mas Benjamin não para por aí. Susan Buck-Morss, em “Aesthetics and Anaesthetics: Walter Benjamin's Artwork Essay Reconsidered”,⁹⁰ chama a atenção para a última passagem do ensaio, que reproduzimos a seguir:

“Fiat ars, pereat mundus”, diz o fascismo e espera que a guerra proporcione a satisfação artística de uma percepção sensível modificada pela técnica, como faz Marinetti. É a forma mais perfeita do art pour l'art. Na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma. Sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de

88 BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política (Obras escolhidas, v.1). “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. iBooks.

89 KITTLER, Friedrich. Gramophon, Film, Typewriter. Trad. e introdução: Geoffrey Winthrop-Young e Michael Wutz. Stanford, California: Stanford University Press, 1999, p.2-3.

90 BUCK-MORSS, Susan. “Aesthetics and Anaesthetics: Walter Benjamin's Artwork Essay Reconsidered”. In: October, vol.62 (Autumn 1992), pp.3-41.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

primeira ordem. Eis a estetização da política, como a pratica o fascismo. O comunismo responde com a politização da arte.⁹¹

Se o fascismo é a *estetização da política*, o comunismo deve ser a *politização da arte*. O que define a *estetização da política* é a alienação sensorial: o fascismo não *cria* essa alienação, mas é um *produto dela mesma*, e por este mesmo motivo a alienação sensorial fascista *ultrapassa o fascismo como horizonte histórico-político* (e chega aos dias de hoje, um elemento nada estranho à vida política brasileira contemporânea). Por outro lado, o comunismo deve ser a *politização da arte*. Como lembra Buck-Morss, Benjamin não parece estar apontando aí para a arte como um veículo de propaganda comunista (o realismo soviético etc.): “ele demanda da arte uma tarefa muito mais difícil – isto é, *desfazer* a alienação dos sentidos corpóreos, *restaurar o poder instintual dos sentidos corpóreos humanos para a auto-preservação da humanidade*, e fazer isso não evitando as novas tecnologias, mas *passando por elas*”.⁹²

Se a alienação dos sentidos corpóreos, a *anaesthesia*, emerge como um efeito da *superestesia* promovida pelos *media*, seu trunfo se encontra, precisamente, em não transparecer em sua acepção técnico-política, mas somente na acepção política, na presunção de inocência de que é possível pensar a política para além da *aisthesis*, ou seja, das formas de sentir/perceber/etc. – e, portanto, para além das *formas da experiência* estabelecidas pelos próprios *media*. A *politização da arte* de um Benjamin deve ser entendida, nesse sentido, como um chamado à guerrilha à moda de Clausewitz (ainda que traduzido por um Foucault, para quem a política é a continuação da guerra por outros meios) – estratégia do *perdedor*: exercícios de *captura*, tentativas de *interromper/hackear/romper* com a dinâmica totalizadora/homogeneizadora que nos é imposta pelas formas técnico-políticas predominantes. Tais formas estariam alinhadas àquilo que Rancière

91 BENJAMIN, Walter . Magia e Técnica, Arte e Política (Obras escolhidas, v.1). “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. Ibooks.

92 “He is demanding of art a task far more difficult – that is, to undo the alienation of the corporeal sensorium, to restore the instintual power of the human bodily senses for the sake of humanity’s self-preservation, and to do this, not by avoiding the new tchnologies, but by passing through them”. BUCK-MORSS, Susan. “Aesthetics and Anaesthetics: Walter Benjamin’s Artwork Essay Reconsidered”. In: October, vol.62 (Autumn 1992), p.5.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

denuncia, em suas *Dez teses sobre a política*, como *falsa política ou política policial*: se o dissenso é o processo pelo qual os atores interrompem a ordem natural da dominação (cf., a esse respeito, o ensaio *O Desentendimento*), a política policial cuida, justamente, de organizar racionalmente, digerir o dissenso, tornando-o, assim, inócuo (faça greve nos fins de semana!). A *politização da arte* deve ser, antes de tudo, *criminosa*, na medida em que disputa com o *status quo*, literalmente, a *colonização dos sentidos/corpos* – disputa, portanto, com o processo de captura das formas de sentir/perceber que emerge desses mesmos aparatos técnico-políticos, e que dilui a política no plano do *real*, da disputa, em política do voto. O grupo Dilazenze ser atropelado pelo trio elétrico emerge, afinal, como aquilo que é: o movimento da *anaesthesia*, e que produz, como não poderia deixar de ser, também a *anaesthesia política*. Se, como quer Agambem, "a política é a esfera dos puros meios, isto é, absoluta e integral gestualidade dos homens", o que é a abolição de um desses meios, o atropelamento de uma gestualidade? O trio elétrico é a morte da diferença.

Bibliografia:

AGAMBEN, Giorgio. "Notas sobre o gesto". Trad.: Vinícius Nicastro Honesko. Em: *Artefilosofia*, N. 4, Ouro Preto, Jan.2008.

BENJAMIN, Walter . *Magia e Técnica, Arte e Política* (Obras escolhidas, v.1). "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". iBooks.

BUCK-MORSS, Susan. "Aesthetics and Anaesthetics: Walter Benjamin's Artwork Essay Reconsidered". In: *October*, vol.62 (Autumn 1992), pp.3-41.

CARVALHO, José Jorge de; FLOREZ FLOREZ, Juliana. Encontro de saberes: projeto para descolonizar o conhecimento universitário eurocêntrico. *Nômadias* [online]. 2014, n.41, pp.131-147.

CARVALHO, José Jorge de. Sobre o Notório Saber dos Mestres Tradicionais nas instituições de ensino superior e de pesquisa. **Cadernos de Inclusão**. Número 8. Brasília, INCTI/UNB, 2016.

GOLDMAN, Marcio; RODRIGUES, Marinho. *Aula Pública*. NEAB/UFSB: Itabuna, 2016. Material Audiovisual (inédito).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

KANT, Immanuel. *Kritik der Urteilskraft*. In: WEISCHEDEL, Wilhelm (Hrsg.): Immanuel Kant, Werkausgabe, Band 10, Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1974 (Erstveröffentlichung 1790).

KITTLER, Friedrich. *Grammophon, Film, Typewriter*. Trad. e introdução: Geoffrey Winthrop-Young e Michael Wutz. Stanford, California: Stanford University Press, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. GM II:3.

RANCIÈRE, Jacques. “Ten theses on politics”. Trad. Rachel Bowlby e Davine Panagia. *Theory & Event* 5:3, The John Hopkins University Press, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed.34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento: política e filosofia*. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed.34, 1996.